

Memórias de si, memórias de lugares: a construção do “eu” a partir das narrativas orais no Tempo Presente (Brasil - Itália)

Memories of self, memories of places: the construction of "I" in oral narratives in present time (Brazil - Italy)

Gisele Moser¹

Marcos Montysuma²

RESUMO: A proposta deste artigo parte das narrativas orais dos entrevistados quando em suas falas apresentam a si mesmos tal qual como gostariam de ser lembrados, o que entendemos aqui como uma construção da memória de si, na relação com o lugar de pertencimento. Essas narrativas, feitas no Tempo Presente, surgiram a partir de entrevistas seguindo a abordagem da História Oral, onde cada entrevistado elencou aquilo que considerava relevante para a pesquisa. As entrevistas foram realizadas no Brasil e na Itália, compondo um amplo espectro de possibilidades de análise, e, para este trabalho, optamos por compreender a construção do “eu” ao longo do discurso narrativo sobre as memórias individuais relacionada com os lugares situados na pesquisa, Florianópolis (SC) e Veneza (VE).

PALAVRAS-CHAVE: Memória; História Oral; Tempo Presente.

ABSTRACT: this article departs from oral narratives by a group of interviewees who, in their speeches, present themselves how they would like to be remembered, which we understand here as a construction of the memory of oneself in relation to the place of belonging. These narratives, made in the Present Time, emerged from interviews following an Oral History methodological approach in which each interviewee listed what they considered relevant to the research. The interviews were conducted in Brazil and Italy, composing a wide spectrum of possibilities for analysis. In this article we focus on the construction of the “I” throughout the narrative discourse on individual memories related to the places represented in the research, Florianópolis (SC) and Venice (VE).

KEYWORDS: Memory; Oral History; Present Time.

¹ Doutora em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Estágio Doutoral na Università Ca'Foscari Venezia (Itália). E-mail: gisapalma@gmail.com

² Professor do Departamento de História/CFH/UFSC; do PPGH/CFH/UFSC e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: mmontysuma@gmail.com



Considerações iniciais

Neste texto vamos discutir algumas situações, em que, segundo interpretamos, ocorrem as interseções subjetivas entre memórias de si e cidade, no tempo presente. As interações trazidas aqui decorrem de pesquisa efetuada nas cidades de Florianópolis e Veneza, no ano de 2017, através da metodologia da história oral, que fundamenta-se em todo um arcabouço teórico. Dentre suas posturas, na prática do fazer, considera essencial exercitar uma relação ética entre entrevistador/a e entrevista/a. Do mesmo modo considera como básico que consideremos as fundamentações relativas à memória em suas várias matrizes, ou escolas. Sem estes dois ingredientes: ética e memória, o trabalho de história oral esmaece e perde credibilidade.

Na sequência do texto teremos oportunidade de apresentar as fundamentações relativas a *memória* e *tempo presente* que julgamos pertinentes para ajudar a compreender as situações nas quais as pessoas entrevistadas constroem as narrativas e como se situam como agentes integrantes de uma vida ordinária, na interação local, ou como explicam os sentidos das cidades e leem o mundo. Em suma como falam de si.

Algumas referências de Florianópolis e Veneza

Apresentamos, portanto, sucintamente as cidades envolvidas, visto que estas constituem os espaços onde residem os sujeitos que iremos tratar. Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, está localizada no litoral sul do Brasil, composta por uma ilha e uma pequena parte continental, totalizando uma área de 675,409 quilômetros quadrados (IBGE, 2016)ⁱ. Conta com 421.240 mil habitantes (IBGE, 2010), destes 52,18% não nascidos na cidadeⁱⁱ, mas ainda a maioria originária da região Sul, e recebe milhares de turistas anualmente, com ênfase na temporada de verão (dezembro a março). Veneza, capital da região do Vêneto, está localizada no Nordeste da Itália e situa-se numa lagoa do Mar Adriático, agrega 118 ilhas, 177 canais e conta com 400 pontes.ⁱⁱⁱ Além das áreas insulares possui uma porção continental, totalizando uma superfície de 415,9 quilômetros quadrados.^{iv} A cidade que recebe milhares de turistas diariamente, conta com cerca de 260 mil habitantes, 33.965 são estrangeiros (destes, 219 brasileiros) (*Comune di Venezia, 2012*)^v, a área mais antiga (*Città Antica*) vem passando por um êxodo de residentes atingindo um mínimo histórico.^{vi}

Cabe observar que os elementos aqui apresentados para situar as cidades de Florianópolis e Veneza, e não outros, apontam uma seleção feita por nós em nossa escrita, da mesma forma que nossos entrevistados selecionamos determinadas passagens de suas falas.

História Oral e Tempo Presente

As entrevistas utilizadas nesse artigo ocorreram no contexto do desenvolvimento da pesquisa do projeto intitulado “Imaginário Social e usos culturais do mar: histórias em conexão por meio de narrativas orais e impressas, Florianópolis/SC/Brasil e Veneza/VE/Itália (1960-2017)”.^{viii} Seguindo um roteiro sucinto de perguntas, onde as narrativas iniciavam a partir de uma solicitação dos pesquisadores para que a pessoa entrevistada se apresentasse, informando seu nome, idade, data e local de nascimento e profissão. Ao longo das demais perguntas, muitas das pessoas reforçaram pontualmente a conexão com o lugar de nascimento ou com o local em que estavam morando (especialmente no caso dos brasileiros residentes na Itália). Percebemos que essa era uma característica, ou mesmo uma referência, por onde estabeleciam uma relação com aquilo que estavam discutindo. Interpretamos que isso significava um retorno ou uma retomada ao assunto inicialmente proposto. Mas também reforçavam todas as questões que gostariam de abordar, como de fato o fazem, mantendo os sentidos em conexão com a pergunta formulada.

Consideramos importante ponderar que cada pessoa entrevistada, presumimos, elencou os aspectos e sentidos que considerava relevantes para si, sabendo que deixaria registrado em um trabalho que tornar-se-ia público. Assim, notamos que há uma preocupação memorialística presente na fala do indivíduo, de ser lembrado ou reconhecido por algo, por relacionar-se com determinados conteúdos, situações sociais, que tenha um aspecto mensurável, como um toponímico, referenciando o seu lugar de origem ou o seu lugar atual. Interpretamos que assim os sujeitos vão diferenciando-se dos demais por algo específico, que o torna um indivíduo e não mais um homem ou mulher ordinário(a) - no sentido proposto por Michel de Certeau (2003), de uma pessoa comum, que faz com que um espaço se torne um lugar com sentido, ou com uma pluralidade de sentidos, pautados na vivência individual com a cidade (CERTEAU, 2003, p.189). Os sentidos dos lugares de interação - como práticas de trabalho, diversão, alimentação, dentre tantas outras que compõem o cotidiano - não são dados por uma ordem acima dos sujeitos. São eles próprios que constroem e carregam de sentidos os espaços de interação. Assim desenvolvem todo tipo de atividades e nisso também carregam de sentimentos e afetividades tudo o mais que ali transcorre. Logo, os discursos sobre as atividades desenvolvidas e compartilhadas nesses espaços entram em profunda conectividade, pois há uma ligação indissociável do específico, isolado, particular, subjetivo com o todo e vice-versa. De tal forma, que as pessoas ao narrarem a respeito dessas vivências, naquilo que vão compondo o objeto desejado, também tecem numa grande composição de bricolagem. E por todas as formas discursivas também interpretam o que ali transcorreu. Não é demasiado registrar, que por vezes somos embevecidos com o que ouvimos, pois quando as pessoas nos apresentam o particular,

também apontam o todo. Quando em seus discursos, procuramos nos deter no todo, já voltam-se para o específico, o particular, o fugidio. Mudam os tempos verbais.

As relações estabelecidas com e nas cidades contemporâneas podem ser pensadas a partir do conceito de “multividades”, conforme proposto por Massimo Canevacci (2010), no qual a identidade do sujeito dialoga com a cidade provocando uma pluralidade e uma multiplicidade de “eus” – onde um indivíduo singular carrega em si o plural simultaneamente, sendo considerado um indivíduo com múltiplas identidades, um “multívduo” -, com identidades polifônicas e diaspóricas [comunicação verbal em 2010].^{viii}

Nossa experiência de pesquisa em história oral, nos leva a crer que, ao optar por esse ou aquele outro aspecto logo no início da entrevista, mostra um caminho escolhido pelo entrevistado para o percurso ao qual deseja perseguir ao narrar a sua história pessoal. Da mesma forma, os pontos deixados de lado e lembrados pelo/a entrevistador/a ao longo das demais perguntas, aparecem como um incômodo “exercício de lembrar” em oposição ao desejo de “esquecer” certas passagens. E que ao serem narradas assumem um caráter de ucronias distorcidas pelos óculos embaçados da memória corroída pelo tempo, ou pelo desejo proposital, que elas bem poderiam ter transcorrido sob outro desfecho, para aquilo que efetivamente ocorreu e resultou no momento atual de suas vidas.

De certa forma, cada palavra dita, em que o propósito está em discutir um passado próximo ou remoto, vimos que se manifesta sob a interpretação dos fatos de maneira subjetiva - de quem narra. A pessoa é tomada pelos fatos do presente, que toma a forma do agora, do instante, imponderável. E quando a narrativa ganha a forma de texto escrito abre-se para outras interpretações. Nesse contexto ocorre toda uma conexão e a interposição do leitor, que constrói a sua própria memória e interpretação dos fenômenos a partir daquilo que compreendeu e do que relacionou, ou não, com sua história pessoal.

Conforme apontam Depaule e Topalov (2001), as palavras surgem e guiam como uma expressão de uma experiência social, como uma fronteira para acessar a memória de um território, dialogando com várias disciplinas. Estar atento a essas palavras implica em desconstruir o seu sentido, perceber o seu contexto e notar a sua aparição carregada de um sentido (DEPAULE; TOPALOV, 2001, p.20). “O ponto de vista enriquece-se ainda mais se levarmos em consideração a pluralidade das línguas. (...) cada língua recorta as realidades, urbanas neste caso, de maneira específica” (DEPAULE; TOPALOV, 2001, p.21). Nesse sentido, os mesmos autores indicam que existe uma pluralidade dos registros de línguas, caracterizado por cada grupo cultural, e que esses falares buscam uma forma de se comunicar através de seus locutores (DEPAULE; TOPALOV, 2001, p.22).

Como nos aponta Alessandro Portelli

a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos (PORTELLI, 1997, p.16)

E que estes conteúdos são sistematizados através da análise que os historiadores elaboram, na medida em que discutem também interpretam par e passo com a pessoa entrevistada. Aqui tomamos a liberdade de Verena Alberti (2006) através de uma interpretação livre <<que efetuamos>> de seu escrito, quando afirma que a entrevista oral é um conjunto de ações que visa determinados efeitos, não apenas uma versão e sim um documento da realidade, elaborado a duas cabeças, a quatro mãos. Como um diálogo vivo, relacionando presente e passado, enriquecidos por estímulos que podem se fazer presentes no decorrer do processo de gravação da entrevista, revelando novas hipóteses e versões sobre processos já analisados e conhecidos, a entrevista oral ainda recupera memórias locais sob diferentes percepções ao utilizar entrevistas temáticas (ALBERTI, 2006).

Conforme reflete Jean-François Sirinelli, o historiador “bebe em seu presente e, longe de pensar que ‘é de nenhum tempo e de país nenhum’, ele (o historiador) sabe que está ligado por múltiplas fibras a seu tempo e à comunidade à qual pertence” (SIRINELLI, 1999, p.78). Assim, tecendo dentro das perspectivas de estudo da História do Tempo Presente, Dosse vai recorrer ao pensamento de Santo Agostinho, considerando que ainda são atuais as suas assertivas quanto a importância do presente na relação com o tempo e a memória. Assim vai elucidando sobre o presente como um importante instrumento de reflexão:

[...] se o passado já não é, e se o futuro ainda não é, como entender o que pode ser o tempo? Santo Agostinho responde voltando-se para o presente, um presente estendido para uma temporalidade larga que engloba a memória das coisas passadas e a expectativa das coisas futuras: “O presente do passado é a memória; o presente do presente é a visão; o presente do futuro é a expectativa”. Portanto, para ele só há futuro e passado por meio do presente. (DOSSE, 2001, p.82)

Assim os sujeitos dão sentidos às suas vidas, tecendo seus dias, administrando o cotidiano. Elaboram a vida como uma composição de relação imbricada. Nela vão misturando camadas entre passado, presente e futuro. Como se pudéssemos comparar ao que ocorre no plano mental, quando elaboram o passado, com presente e futuro, seria como um órgão foliáceo, em que uma camada interior, que se envolve deixando uma parte para trás e, se confunde com a outra, que já se expande mais para a frente, abrindo-se para o novo. É essa a relação que toma o passado, como memória, presente como elaboração, e futuro como projeção, expectativa, utopia, devir.

Quando projetamos a elaboração da história por nosso intermédio, que coincide com o tempo dos sujeitos que vivenciaram os acontecimentos, logo nos ocorre Chartier, para quem

(...) o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para os historiadores dos tempos consumados, o conhecimento histórico é sempre uma difícil operação de tradução, sempre uma tentativa paradoxal: manifestar sobre o modo de equivalência um afastamento irreduzível. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói. (CHARTIER, 2006, p.216)

Esta proximidade temporal, por um lado com os sujeitos que nos ajudam a construir o material de análise - fontes -, e por outro também com o calor dos fatos discutidos constitui motivo suficiente para atuarmos com atenção, para evitar situações insólitas, por aquilo que podemos supor, que não se configure como tal, pela visão embaçada dada a proximidade com os fenômenos e por alimentar paixões desmensuradas pelas narrativas recolhidas. No entanto, nos obrigamos a imprimir um cuidado maior no processo de elaboração, procurando acurar anteparo teórico e método, como meio de prevenir contra equívocos insanáveis, que podem comprometer o trabalho.

Da abundância das publicações de toda ordem à profusão das fontes audiovisuais, passando pelo depoimento oral, o historiador do presente é um privilegiado com relação a seus confrades, pois ele praticamente jamais corre o risco de se encontrar privado dos documentos necessários para seu trabalho. Mas a moeda tem seu reverso. A profusão exige escolha e classificação e o rigor do ofício histórico é aqui ainda mais indispensável que alhures. (CHAVEAU, 1999, p.129)

Memórias de si

Nas memórias de si trazemos inicialmente a narrativa do Márcio Elias de Oliveira, 42 anos, brasileiro morando na Itália há mais de dez anos. Inicialmente ele situa sua origem, depois se expande mais discutindo sua visão do que era e no que veio a tornar-se. Vejamos essa passagem inicial, onde fala que

Nasci na zona leste de São Paulo e vivi lá até os 30 anos, até 2005, foi quando em 2005 a gente veio pra cá [Itália] (...) O meu mundo, quando eu morava no Brasil, era muito menor. Em todos os sentidos. No sentido de você pensar o que é longe, o que é perto, o que fazer, o que conhecer. É



um defeito nosso que todo ano a gente quer fazer as mesmas coisas lá. Poucas pessoas fazem coisas diferentes. (OLIVEIRA, 2017).^{ix}

Ao lembrar de sua vida no Brasil, a narrativa constrói uma memória das limitações às quais estava explicitamente submetido, por não ter noção das dimensões de distância entre um lugar e outro. Mas também faz menção a não ter a dimensão do que teria a possibilidade do que fazer na vida. Em suma, segundo sua interpretação para o que veio a tornar-se como sujeito, consciente de si, morando fora do Brasil. E presumimos que pela experiência que adquiriu na vida através - da viagem para fora do Brasil, onde fixou residência em Siléia – chega mesmo a falar que o “meu mundo, quando eu morava no Brasil, era muito menor” (cit op cit). A sensação que temos é que foi necessário o sujeito viajar para outro continente, para ter a devida noção da distância geográfica, e entre os espaços de interação que os sujeitos estabelecem no mundo que habitam. E chama de defeito aquilo que presumimos consistia nas férias da família, que a todo ano repetia as mesmas viagens, os mesmos deslocamentos. Essa repetição, pelo que presumimos, era enfadonho para seus propósitos, que só foi perceber outras possibilidades de deslocamentos após os 30 anos. Chama atenção ainda sua referência de apontar que “(...) poucas pessoas fazem coisas diferentes.” (cit op cit), conforme aponta na fase final da citação acima aludida. Ele conta que quando era pequeno viajava para visitar os parentes em Divinópolis, interior de Minas Gerais, e diz: “Esse aí era meu mundo grande” (cit op cit), pois levava um dia inteiro de deslocamento.

Noutra passagem o Senhor Márcio Elias de Oliveira nos relata a respeito da sua esposa, que no Brasil gastava algo em torno de seis horas no deslocamento urbano entre a residência e o trabalho. Vejamos sua manifestação

Olha que porcaria de vida! Três horas para ir e mais três horas para voltar. São seis horas da vida dela dentro da condução, mais oito horas que ela trabalhava. Não tem sentido, entendeu? Mas era muita correria, muito cansaço para pouca coisa; e depois você estava conseguindo alguma coisa, aí vinha uma crise. (OLIVEIRA, 2017)

Seu relato destaca as limitações que estavam presentes no cotidiano, com uma vida atribulada e de longas horas de trânsito entre casa e trabalho, que praticamente impedia o convívio familiar – presumimos – pelo tanto de horas necessárias ao deslocamento diário da esposa, que trabalhava no aeroporto de Congonhas, na capital de São Paulo, e eles moravam perto de Cumbica, na Zona Leste.

E por fim ainda destaca que apesar de todas as dificuldades, quando a família conseguia acumular algum ganho, as crises econômicas levavam tudo.

Dentro desse contexto apresentado por Márcio, ele considerava uma viagem para Veneza como um sonho distante, influenciado pelos filmes, mas afirma que nunca havia

pensado que realmente pudesse um dia viajar e residir na Itália, e trata “Veneza é um sonho do brasileiro”. Ele generaliza, como sendo o sonho do brasileiro, como se todo brasileiro o tivesse, quando na realidade torna-se um sonho para ele, por seus motivos subjetivos - interpretamos.

Outra pessoa que elencamos é a Senhora Maria Cristina Delmonico Abrahão, 57 anos. Que antes de conhecer Veneza, a tomava como a “cidade do amor, das gôndolas, da Ponte do Suspiro, a cidade mais bonita do mundo, mais romântica (...) não tinha nem noção do que era” (ABRAHÃO, 2017). Nascida em Orlândia, interior de São Paulo, Maria Cristina mora em definitivo na Itália desde 1986, quando casou com seu marido veneziano. “Eu me formei em Artes Plásticas no Brasil, mas agora sou do lar (risos)”. Com leveza e muitos detalhes, ela descreve o seu encontro com o amor na Itália. “Encontrei o amor no terceiro dia. (...) Vim pra cá em maio [de 1985] e voltei para o Brasil em outubro já com a aliança no dedo.” Diz que estava com um primo, havia ido cursar uma especialização em artes em Florença, que não deu certo, e por fim optaram por viajar e conhecer um pouco da Itália, sendo Veneza a última cidade do percurso. Como o custo de hospedagem era muito alto, optaram por ficar em Mestre, cidade vizinha na área continental, e foi lá que conheceu aquele que viria a ser seu marido.

Conheci meu marido no terceiro dia... e meu primo não queria, porque ele falava que ‘teu pai vai me matar! Tua mãe... Eles vão me matar! ‘E aqui eles são tudo drogados’ - falava pra mim (risos)... Aí ele me pôs de castigo no hotel, porque estava um frio também (...). Às cinco horas da tarde, abriu uma janela, a cortina levantou e eu olhei no relógio ‘cinco horas’, que eu havia marcado encontro com ele, aí eu falei ‘ó minha filha, se você não levantar daqui e não correr você vai ficar solteira pro resto da vida, esse é o Espírito Santo que abriu tudo’. Aí desobedeci (...) e quando cheguei lá já era cinco e quarenta e cinco, mas ele ficou lá esperando. Aí ele já queria ficar noivo e eu falei que não que a gente precisava se conhecer melhor primeiro. (ABRAHÃO, 2017).^x

A Sra Maria Cristina narra toda sua trajetória com a cidade a partir do encontro com a pessoa amada, que veio a tornar-se seu esposo, com quem vive há mais de trinta anos. Conta em detalhes aqueles momentos iniciais, em que um primo a admoestava a respeito daquele amor fugaz e das consequências perante seus pais. Mas nada adiantou, porque ela findou casando-se e fixando residência em Mestre.

Falar de si é também um momento de catarse, por vezes de sofrimento, porque implica em (re)viver emocionalmente a própria história e poder (re)criar uma narrativa fílmica de sua vida, construída no presente, a partir de um apelo aos conteúdos da memória. Narrar um assunto, uma passagem é reviver através das emoções as experiências do vivido. Por isso, para nós é importante não efetuarmos juízo de valor pelo modo como as pessoas discutem

e interpretam suas experiências, pois não estávamos lá, inseridos naqueles contextos em que elas agiram e tomaram decisões que impactam suas vidas até o momento da coleta da entrevista pelo/a pesquisador/a. Durante o processo de pesquisa respeitávamos estes aspectos em nosso horizonte ético, posto que as pessoas não podem ser desrespeitadas, nem julgadas, nem afrontadas por aquilo que inculpem a respeito de si, ou como querem ser vistas, lembradas.

Segundo Ecléa Bosi, pode-se atribuir à memória uma função decisiva, pois permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual de representações em que a vida do grupo se liga estreitamente à morfologia da cidade, em sua efervescência ordinária, no frenesi do ir e vir do dia a dia.

Destruída a parte de um bairro onde se prendiam lembranças da infância do seu morador, algo de si morre junto com as paredes ruídas, os jardins acimentados. Mas a tristeza do indivíduo não muda com o curso das coisas: só o grupo pode resistir e recompor traços de sua vida passada. (...) Quando não há essa resistência coletiva os indivíduos se dispersam e são lançados longe, as raízes partidas. (BOSI, 1987, p.370)

Pela citação de Ecléa Bosi a cidade construída pelos sujeitos, é também significada sentimentalmente em seus espaços, pelos usos que estes fazem das áreas edificadas. Quando lembram, evocam imagens, trazendo conteúdos da memória, através dos quais estabelecem conexões e sentidos ao vivido naquelas espacialidades. Assim ocorre a ligação com o passado que se faz presente alimentando os dias das pessoas. Para Marilena Chauí, “(...) lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição” (CHAUI, 1979, p.XX). Logo o exercício de lembrar cumpre além de função social, representa também a possibilidade, das pessoas que o fazem, poderem elas próprias interpretar o que foi. A reflexão de Marilena Chauí ocorre no contexto da ligação, que ela estabelece entre a desvalorização da mão de obra pelo exercício do trabalho executado pelo trabalhador, na sociedade capitalista, e as memórias de pessoas velhas – que do mesmo jeito não são valorizadas – substituindo a lembrança pela história oficial celebrizada. Ela insere uma possibilidade relacional entre uma e outra quase como que naturalizada, como uma consequência lógica. Em suma, temos uma sociedade que não respeita a memória dos velhos, porque antes já não respeita a valorização do trabalho que a constrói.

Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente. Na aurora da civilização grega ela era vidência e êxtase. O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte. (BOSI, 1987, p.48)

A particularidade desta citação consiste em trazer para nós uma visão de memória que lhe atribui certas funções, para os dias de hoje, circunscritas no conhecer o passado, como apetrecho para discutir o que foi. E quando aceitamos que a memória é “conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (cito op cit), presumimos que de certo, para além de outros aspectos essenciais, ignoramos os tempos verbais distintos e os ir e vir contidos no discurso, emaranhando passado e presente numa narrativa – nisso, ponderamos, interagimos outros aspectos que bem podemos considerar para não nos equivocarmos nas análises, quando deparamos com estes fenômenos. Convém pensar no sentido de pertencimento e subjetividade dos sujeitos que narram. Se formos atentos/as, encontraremos que para os mesmos gregos, acima citados, se inscreve como essencial na vida da Pólis a divinização da memória. Assim o fizeram porque a tomaram como fugidia e, portanto, <<perigosa>> se não fosse <<dominada>>, <<sistematizada>>. Podemos supor que por algum motivo ou circunstância ela poderia não atender ao sujeito, ou ao mestre do ofício, ou ao historiador no momento em que ele necessitasse dela para ter ao seu dispor um conteúdo essencial para discorrer sobre algo. A este respeito Tucídides diz que:

Muito penoso era o trabalho de pesquisa, porque as testemunhas de cada uma dessas ações não diziam o mesmo sobre os mesmos fatos, mas falavam segundo a simpatia por uma ou outra parte ou segundo as lembranças que guardavam. (TUCÍDIDES, 2013, p.31).

Tomando como referência essa passagem de Tucídides, implica que ele considera que a memória era um problema para seus objetivos de pesquisa. Ainda que divinizada não havia como chegar aos conteúdos essenciais porque não *respondia* a todos seus questionamentos. Ainda que o sujeito tivesse sua memória em condições de atender às suas perguntas havia ainda um aspecto essencial, que é a subjetividade, que orientada pelo sentido de pertencimento do sujeito que narra, não havia maneira de trair seus sentimentos em relação à sua Pólis e aos companheiros que lutaram ao seu lado. A isso se apresenta um *enigma*, que consiste em procurar entender, distinguir e respeitar os limites que apontam onde inicia e termina a subjetividade e a memória orientando os discursos das pessoas, quando lhes perguntamos sobre algo passado.

O medo do esquecimento faz com que as lembranças do passado estejam presentes quando se pretende construir uma relação com o futuro. E a velocidade das mudanças e o contínuo encolhimento dos horizontes do espaço e tempo geram uma necessidade de buscar nas memórias as respostas para compreender ou responder o imponderável dos novos tempos.

Maurice Halbwachs propõe que a memória coletiva tem como base um conjunto de pessoas, sendo os indivíduos que se lembram e que cada memória individual é um ponto de vista que ajuda a compor a memória coletiva. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p.30). Nisso implica admitir que essa composição do conteúdo, tomado como coletivo, funciona como elo que agrega a todos os que se sentem pertencentes a um dado território, por integrarem um estado nacional, ou a um grupo ético, por exemplo. Vejamos sua formulação na seguinte passagem

(...) diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que mantenho com outros ambientes. (...) A sucessão de lembranças, mesmo as mais pessoais, sempre se explica pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos ambientes coletivos, ou seja, em definitivo, pelas transformações desses ambientes, cada um tomado em separado, e em seu conjunto. (HALBWACHS, 2006, p.69)

Tomando a citação acima como referência, se de fato a “memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (cito op cit), o que está em jogo e, na maioria das vezes ignoramos é o seguinte: ao compor um conteúdo que unifica um dado grupo de sujeitos, os sentimentos da identidade entre seus pares são fortalecidos. Mas mais do que isso, todos os outros sujeitos que não compõem essa identidade, os denominados de diferentes, os que não aquiescem os conteúdos que dão significado à memória coletiva <<daqueles>>, estes são excluídos, expurgados, afastados, eliminados, afugentados, perseguidos e até mortos, para não por em risco a construção <<daqueles>>. A chamada memória coletiva é na realidade a chama que unifica e elimina o que a ameaça.

A chamada memória coletiva, pode ser invocada, pela própria narrativa de Halbwachs em várias situações, como as pessoas se relacionam com um ofício, uma cidade, um estado nação. Convém observar e distinguir estes limites e peculiaridades em que ela pode ser invocada, para não atribuímos a memória coletiva qualquer estudo, pelo fato de reunir pessoas em dadas práticas, quando na realidade estamos tratando de memórias individuais, ou subjetivas. As memórias podem ser socialmente compartilhadas, mas jamais coletivas. Temos que tem claro estas distinções.

Pelos argumentos acima chegamos num ponto em que Halbwachs nos inspira na análise das entrevistas que efetuamos por este caráter que remete à perspectiva da pessoa, pois através delas podemos percorrer uma cidade, tomando emprestado seu olhar quando narra, discutindo aqueles espaços de interação, que é composto de diversos pontos de vista e influências, de contatos prévios.

Essa experiência na qual o cidadão constrói a sua relação com a cidade pode ser percebida como uma narrativa individual, como proposto pela historiadora Teresa Malatian (2009), como uma “escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta” (MALATIAN, 2009, p.195). A cidade passa a ser um lugar de compartilhamento de experiências num cruzamento entre o coletivo e o individual, onde a memória condensa no presente através de uma narrativa.

Creemos que as entrevistas que recolhemos nos situam quanto aos aspectos apontados acima, onde as pessoas nos contam de si, na relação com o espaço da cidade e os sentidos atribuídos aos lugares. Para a brasileira Maria Cristina, por exemplo, morar em Veneza nunca foi uma opção, mesmo com seu sogro tendo um apartamento em San Giobbe, local próximo à Estação de Trem, ela nunca quis morar lá. E explica o motivo. Vejamos

Veneza não é para brasileiro. Porque é uma vida muito difícil. Brasileiro gosta de ter geladeira cheia, lá você não pode. Tem que comprar o mínimo, o essencial por dia, porque tem muitas escadas. É uma cidade muito antiga, não tem infraestrutura. (ABRAHÃO, 2017).

Suas justificativas para não preferir Veneza como residência consiste no fato dela atribuir uma dificuldade pelo seu entendimento que a cidade é cheia de escadas. Que por isso não pode encher a geladeira, como o “brasileiro gosta(...)”, logo as compras devem ser contidas, pela dificuldade para transportar sacolas cheias de mantimentos, por subir tantas escadas, nos deslocamentos até sua casa. Atribui esse perfil ao fato da cidade ser antiga e não ter infraestrutura. Morando em Mestre ela faz seus deslocamentos de bicicleta sempre que pode. Lembra numa dada passagem da entrevista, que seu sonho desde menina era ter uma bicicleta, mas seus pais diziam que não era para menina. E quando ela casou sua sogra perguntou o que queria de presente e ela disse: “uma bicicleta!”.

O veneziano Andrea Baldan, 37 anos, tem outra percepção da cidade. Ele nasceu e mora até hoje em Veneza e diz que não moraria em outro lugar, justamente por poder locomover-se apenas a pé e pela convivência que um lugar assim propicia.

Veneza é insubstituível. Porque este é um mundinho. Ou seja, esta é uma pequena cidadezinha frequentada, me parece, por 26 milhões de pessoas ao ano que chegam de todo o mundo e com usos, línguas e costumes diversos, e nós interagimos e isso é belíssimo. Também a mesma solidariedade que existe entre os venezianos, verdade que somos poucos e todos se conhecem, frequentemente se criam situações casuais porque se encontra um amigo na rua ou alguns amigos, então estas coisas quando se tem um carro é difícil acontecer. Estas coisas acontecem quando se caminha e fala-se com as pessoas, também talvez caminhando atrás de alguém e pedindo desculpa: “desculpe, te machuquei? Não. tem certeza?”

E talvez se vai beber alguma coisa. É belíssimo. Troca cultural contínua aqui. (BALDAN, 2017)^{xi xii}

Essa narrativa traz o olhar individual, a partir de uma construção cultural relacionada ao local de nascimento e suas referências prévias vivenciadas. Cada qual do seu ponto de vista apresenta aspectos que considera importantes e que adjetivam de certa forma a mesma cidade. Embora com narrativa oposta à anterior, onde a cidade não é recomendável para morar, aqui com o Sr Andrea a cidade é peculiar, porque as pessoas podem transitar livremente a pé, conversar casualmente, interagir com conhecidos ou turistas em visita. Trata Veneza como local insubstituível, adjetiva de mundinho que é frequentada por algo em torno de 36 milhões de pessoas ao ano, que a enriquecem com línguas, culturas, costumes diversos. Por isso os poucos venezianos se conhecem. Mas acima de tudo a vida é facilitada pelo caminhar cotidiano.

Lugares de memória

As falas apresentadas nesse trecho seguinte trazem uma relação direta do local de nascimento das pessoas através daquilo que elas mais admiram, reverenciam, gostam e até sentem orgulho – se assim podemos falar. Interpretamos que por isso apresentam e situam as características que imprimiam ao seu lugar, algo que confere um ar de especial ou excepcional. Vejamos as interações dos sujeitos através de seus relatos

Nasci em Veneza. (...) O veneziano, que eu também faço parte, quando te diz que chega em cinco minutos, não são cinco minutos, são ao menos vinte minutos, porque nós gostamos de aproveitar o nosso tempo. (BALDAN, 2017)^{xiii xiv}

Sou ilhéu. Ilhéu, graças a Deus! Do Centro da cidade, na rua Pedro Soares, uma rua que fica bem no Centro da cidade. (PEIXOTO, 2016).^{xv}

Data de nascimento: onze de seis de 1926. Cidade: Florianópolis. Tu queres o local? O local era Pedra Grande, agora chamado Agronômica. É onde está a Igreja São Luiz. Ali moravam os meus avós. E o meu pai era juiz de Direito. (GAROFALIS, 2016)^{xvi}

As falas apresentadas nesse trecho trazem uma relação direta com a cidade, situando as características que conferem sentidos para a narrativa e o seu pertencimento enquanto pessoa que interage e sabe contar uma história sobre aquele lugar, porque de algum modo a sua cidade lhe *propõe* algo do que se *orgulhar*. Logo se prestarmos atenção perceberemos que o Sr Andrea Baldan está envolto numa estrutura de sentimentos que sobressai em seu discurso a ideia de valorizar a cidade, não por destacar algo nela, mas por valorizar o tempo de deslocamento entre um ponto e outro, quando poderia levar cinco minutos, pelo contrário, leva vinte. Em suma valorizar a cidade aqui é gastar mais tempo num curto

deslocamento aproveitando e se deliciando com as situações, coisas e ofertas que surgem no caminho. Ainda que não tenha efetivamente falado nada a esse respeito, podemos tomar como se de fato fosse isso que desejasse falar, porque nos ocorre uma vivacidade em sua fala que nos leva a viajar procurando outros sentidos para o que fora verbalizado, porque por algum motivo seus olhos brilhavam mais que o normal enquanto discorria sobre essa passagem.

Outro relato perspicaz nos ocorre através do Sr Geroge Peixoto, onde sobressai a ideia de pertencimento à cidade através da frase “Sou ilhéu. Ilhéu graças a Deus!”. Interpretamos que se tivesse sido natural de outro local não sentiria felicidade. Essa frase nos permite intuir que se sente confortável por haver nascido na ilha e, mais, num local privilegiado, no centro da cidade. Seria como dissesse que mais ilhéu do que isso não há. Isso também expressa uma ideia que carrega consigo uma identidade com o lugar, por um motivo que lhe é muito caro. Ele até poderia haver nascido em qualquer lugar e até ter orgulho por haver descoberto Florianópolis e fixado residência na cidade. Mas não, agradece a Deus por haver nascido nela, além do mais, no centro da cidade.

Quando analisamos o relato da Sra Maria de Jesus, ainda que aponte a cidade através de algumas referências relativas ao seu nascimento, não sentimos ocorrer as mesmas sensações de pertencimento que a liga ao local, como encontrados nos dois outros relatos citados antes. Parece que tudo se desloca ganhando relevância a igreja de São Luiz, que marca com precisão a localidade de moradias dos avós, que presumimos onde nasceu e, o “pai, juiz de direito”. Nossa interpretação é que a pessoa atribui aos outros uma importância, da qual ela seria uma herdeira desse espólio político/social, dado que aqueles locais na cidade eram de fato ocupado por pessoas de grande projeção social. Nestes termos, ela seria também uma pessoa importante, por ser descendente daquelas pessoas, daquele pai. A cidade também se desloca para ganhar projeção o pai juiz, autoridade importante na cidade de Florianópolis. Isto não está dito, mas interpretamos, por suas palavras que estes sentidos todos estão contidos nesta representação de si, nas relações com o lugar, nestes lugares de memória.

Não esqueçamos que a pesquisa estava direcionada a lugares específicos, Florianópolis e Veneza, colocando-se como lugares de memória de uma dada situação. Dentro disso, as pessoas entrevistadas colocam-se, portanto, como portadoras de uma memória relativa ao lugar. E que situa sua fala a partir de determinado lugar que ocupar como sujeito social que tem visões subjetivas sobre tudo o mais que constitui o perfil do lugar que compartilha. Neste sentido para nós, não nos ocorre haver um relato que tem mais ou menos credibilidade, que é mais ou menos falso ou mais ou menos verdadeiro, em relação a outro. Há, em nosso entendimento, expressões de aspectos valorativos subjetivos, que consideram determinados componentes, ingredientes, funções, atividades, lugares, que julgamos

importantes em detrimentos de outros, por qualquer motivo ou aspiração de natureza pessoal. É isso que em nosso entendimento orienta a narrativa das pessoas em respostas as mesmas perguntas. E nisso situamos a subjetividade como a máquina que move o discurso de cada entrevistado/a.

Andrea Baldan nos conta que toda a sua família é de origem veneziana, por parte de pai e mãe. Nessa passagem em que traz uma reflexão da origem de sua família veneziana, também aborda que antigamente havia um esforço para tomar quem poderia ser considerado veneziano. E junto ele coloca uma curiosidade que nos põe a pensar. Vejamos

Para te dizer o quanto um veneziano é estranho. Venezianos de antigamente, digamos no período da Sereníssima [século IX ao século XVIII (1797)], somavam 250 mil habitantes na cidade, 250 mil venezianos. Mas para ser veneziano deveria ser veneziano há cinco ou sete gerações, então havia 250 mil venezianos, mais todos os outros. Mas todos os outros chegavam de todo o mundo. Tivemos tantas influências dos turcos, de Constantinopla, os mouros, digamos, tivemos os alemães, tivemos os franceses, tivemos verdadeiramente de tudo. E por anos, daqui um pouco se misturaram. Portanto, é bellissimo. Em Veneza vemos pessoas altas, loiras, de olhos azuis, com a pele branca, e vemos os turcos, baixos, escuros, com roupas marcadas, e quem sabe somos todos primos. Entende? É estranho essa coisa. Somos muito estranhos. (BANDAN, 2017)^{xvii xviii}

O Sr Andrea nos remete ao sentido de ser considerado um veneziano há algum tempo passado. Mas de certo modo, se formos atentos, presumimos que essa preocupação ocorre ainda no seu presente. Ali fica claro que a pessoa teria que pertencer a uma família de pelo menos cinco ou sete gerações, de pai e mãe venezianos, para ser tomado como um veneziano. Destaca ainda o contingente populacional do local, na quantidade de “(...) 250 mil venezianos, mais os outros.” Presumimos ocorrer em seu discurso uma distinção quanto a quem habitava a cidade, que poderia ser considerado filho natural do lugar. Nessa assertiva continha o reconhecimento quanto aos do lugar, venezianos e, os outros – *outsiders*. Se haviam esses outros, ainda chegavam mais outros, de várias origens. Mas uns pesavam mais ainda nessa categoria de outros: os turcos, por serem classificados como os mouros – negros. Ato seguinte pontua que entraram também alemães e franceses, como que aquebrantando o aspecto dos turcos, “baixos”, “escuros”. Parece que a única qualidade deles seria o uso de roupas de “marcadas”, diferentes para os padrões locais. Então quanto a composição do que vem ser a população de Veneza ele depois atribui o adjetivo de “belíssimo”, por todas as misturas que ocorrem hoje. Não sabemos se esse “belíssimo é de fato algo peculiar e belo para o local, ou estamos diante de uma ironia. Uma coisa está clara para nós, quando ele se pronuncia sobre o passado, seu discurso ocorre num poutro tempo verbal, o sujeito fora da

narrativa; ao passo que ao discutir seu tempo presente ele se inclui na narrativa do estranhamento.

Passemos a um trecho do relato da Sra Maria de Jesus, ou Zica, 90 anos, como prefere ser chamada, que descreve Florianópolis como uma cidade maravilhosa e afirma que para quem nasce na cidade “o amor da nossa vida é esse mar”.^{xix} Vejamos como se pronuncia

O amor da nossa vida é esse mar. É o que nós temos de mais bonito, é lindo. Agora tá faltando fazer marina, pros barcos poderem ancorar aqui na frente. [...] O mais bonito para Florianópolis seria aqui (na Beira-Mar Norte). Como tem em Miami. Miami nos lugares mais bonitos tem as marinas, aqueles barcos enormes, bonito. [...] Nós estamos verdadeiramente de costas pro mar. E não devia. A nossa beleza é o mar. Já pensasse Florianópolis sem mar? Seria o que? Seria Tijucas... Itajaí tem mar... Blumenau... seria uma cidade assim... Joinville... cidades quentes, não tem um vento no verão. Aqui tem o vento do mar. (GAROFALIS, 2016)^{xx}

Na sua visão a beleza da cidade de Florianópolis está no mar. Mas há algo mais que consiste na equiparação à cidade de Miami, quando diz “Miami, nos lugares mais bonitos tem as marinas(...)”. Projetamos que sua cidade é bonita porque tem mar, mas o seu ideal de beleza de uma cidade passa por Miami, porque tem marina. Logo o mar, só traduz beleza para sua cidade, se ela imitar Miami. Isso não está dito nestes termos, mas podemos inferir por suas palavras, pelo modo como ela se pronuncia nesta comparação, naquele seu momento.

Da mesma forma, George Peixoto, 77 anos, percebe o mar como algo fundamental e parte vital do cotidiano de quem habita a ilha. Ele diz:

Eu acho que quem nasce numa cidade de mar, com esse horizonte que tem na tua frente sempre, tu não consegue viver sem ele. Tu pergunta pra qualquer cara que nasceu aqui se ele consegue viver fora de uma cidade que tenha mar. Provavelmente vai dizer não. Todo ilhéu é assim. Pode crer! Só se é um maluco, expatriado, doido. Mas se não ele quer ter o mar na frente dele. Não precisa tá morando em frente. Porque a gente já acostumou com a paisagem, então não tem essa coisa de tá olhando toda hora, mas tem que de vez em quando passar e sentir o cheirinho dele. Ah, tem! Dar uma andadinha ali na avenida à beira-mar. Isso eu faço, eu caminho na Beira-Mar de vez em quando. Não assim com aquela avidez do cara que comprou uma casa de frente pro mar e tem que ficar olhando lá o dia inteiro. O cara que nasceu aqui conviveu com isso a vida inteira. Porque é bonito! Queira ou não queira, bonito é. (PEIXOTO, 2016)^{xxi}

O relato do Sr George Peixoto é muito claro no sentido do papel que o mar exerce na sua vida, como uma referência para um ilhéu. Observemos que ele generaliza sua relação

sentimental com o mar, para todas as pessoas que chama por ilhéu. Em sua imaginação aquilo que ocorre na forma mais íntima, transpõe horizontes, e ainda que oriente seu sentido de pertencimento, é transposto e atribuído como algo inerente a todo ilhéu.

Ouvir memórias e fazer o trabalho de análise é respeitar os sentidos que as pessoas dão às suas vidas, que são ricas de experiências, e compulsá-las é construir narrativas que mostram outras colchas de retalhos, outros modos de ver e sentir. E é essa tessitura que faz parte do ofício de historiador, que permite compartilhar histórias e guiar o leitor por um passeio, através de narrativas a partir do presente, mas sobre um tempo e relações que já foram vivenciadas. Como diz Pierre Nora, “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais” (NORA, 1993, p.9). E ainda que estes sujeitos estejam vivos, e possam emitir opinião sobre as mesmas questões, anteriormente debatidas, o farão sob outro viés, que por algum motivo tiverem que aquiescer ou ratificar a visão de outrora.

Fontes:

ABRAHÃO, Maria Cristina Delmonico. Entrevista concedida a Gisele Moser. Mestre (Itália), 07 jul. 2017.

BALDAN, Andrea. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Veneza (Itália), 05 jul. 2017.

GAROFALIS, Maria de Jesus Silveira de Souza (Zica). Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Florianópolis (SC), 02 dez. 2016.

OLIVEIRA, Márcio Elias de. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Treviso (Itália), 27 mai. 2017.

PEIXOTO, George Alberto. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Florianópolis (SC), 19 nov. 2016.

Referências:

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 2ª. ed. São Paulo: EdUSP, 1987.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 7ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Apresentação – Os trabalhos da memória. In Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TAQ, 1979.



CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CHAVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEPAULE, Jean-Charles; TOPALOV, Christian. A cidade através de suas palavras. In: BRESCIANI, Maria Stella (Org.). **Palavras da cidade**. Porto Alegre: Editora Universidade; UFRGS, 2001. p.17-38.

DOSSE, François. **A história à prova do tempo**. Da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Tradução: Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

MALATIAN, Teresa. Cartas: narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, p.195-221.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro 1993. p.7-28.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética na história oral. **Projeto História** (15). São Paulo: EDUC, 1997, p.13-49.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Ideologia, tempo e história. In: CHAUVEAU, Agnes (Org.). **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999. p.73-92.

ⁱ A medição anterior, feita pelo IBGE em 2002, indicava o total territorial do município de Florianópolis com 433km². A variação territorial refere-se à inclusão das áreas de águas internas das baías Sul e Norte, seguindo o disposto na Lei Estadual nº 13.993 de 2007 que trata da Consolidação das Divisas Intermunicipais do Estado de Santa Catarina. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2016. Santa Catarina/Florianópolis. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/4J6>. Acesso em: 23 abr. 2016.

ⁱⁱ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo Demográfico**. Coleção digital. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=42&dados=1. Acesso em: 24 nov. 2011.

ⁱⁱⁱ Comune de Venezia. Disponível em: www.comune.venezia.it/flex/cm/pages/ServeBLOB.php/L/IT/IDPagina/18700. Acesso em: 10 mar. 2016.

^{iv} Superfície amministrativa. Disponível em: www.comune.venezia.it/archivio/18700. Acesso em: 17 out. 2016.

^v Dados do *Comune di Venezia*. Anagrafe della popolazione residente, 2012. Disponível em: dati.venezia.it/?q=area-tematica/popolazione. Acesso em: 10 mar. 2016.

^{vi} Em 1971 eram 157.173 habitantes, passando em 2013 para 83.622 e em 2016 chega-se aos 54.000. Os periódicos venezianos apontam que tal situação relaciona-se ao desenvolvimento econômico que está determinado por uma “monocultura turística cada vez mais invasiva e desertificante”. SAMBO, Monica. Spopolamento di Venezia, minimo storico di residenti. *La Voce di Venezia*. 10 ago. 2016. Disponível em: <http://www.lavocedivenezia.it/spopolamento-veneziana-minimo-storico-residenti-54467-2/>. Acesso em: 18 ago. 2016.

^{vii} O projeto mencionado visava a construção da tese de doutorado, que foi defendida em 2019, de autoria de Gisele Palma Moser e sob orientação de Marcos Montysuma, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/CFH/UFSC, com Estágio Doutoral realizado na Università Ca’Foscari Venezia (Veneza/VE/Itália), sob supervisão de Luís Fernando Beneduzi. O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

^{viii} Conceito apresentado na Oficina Teórica “**Metrópole comunicacional: a comunicação visual entre corpos e metrópole**” ministrada por Massimo Canevacci. Florianópolis: Museu Victor Meirelles, 30 jun. e 1º jul. 2010.

^{ix} OLIVEIRA, Márcio Elias de. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Treviso (Itália), 27 mai. 2017.

^x ABRAHÃO, Maria Cristina Delmonico. Entrevista concedida a Gisele Moser. Mestre (Itália), 07 jul. 2017.

^{xi} Preferimos apresentar no corpo do texto a entrevista em português. Tradução de Gisele Palma Moser. Aqui temos a entrevista em italiano: *Venezia è insostituibile. Perché questo è un piccolo mondo. Cioè, questa è una piccola cittadina frequentata da me sembra 26 milione di persone al ano che arrivano dal tutto il mondo e con use, lingue e costume diversi, e noi ci interagiamo ed è bellissima questa cosa. Anche la stessa solidarietà che c’è tra i veneziani, infatti che siamo pochi e tutto si conoscono, spesso si creano anche situazioni di festa casuale perché trovi le amico per strada o un po di amici, quindi queste cose quando hai un automobile è difficile trovarle. Queste cose le trove quando camini e parli con la gente, anche magari andando a dorso qualcuno e chiedendo scusa: “scusi, le o fatto male? no. sicuro?” e magari se va a bere qualcosa. È bellissimo. Scambio culturale continuo qui.*

^{xii} BALDAN, Andrea. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Veneza (Itália), 05 jul. 2017.

^{xiii} Op cit.

^{xiv} *Sono nato a Venezia. (...) Il veneziano, quindi faccio parte anche io, quando te disce che arrivo tra cinque minuti, non sono cinque minuti, sono almeno venti minuti, perché a noi ci piace prendere il nostro tempo.*

^{xv} PEIXOTO, George A. Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Florianópolis (SC), 19 nov. 2016.

^{xvi} GAROFALIS, Maria de Jesus Silveira de Souza (Zica). Entrevista concedida a Gisele Palma Moser. Florianópolis (SC), 02 dez. 2016.

^{xvii} Op cit.

^{xviii} *Per dirti quanto veneziano è strano. Veneziani da antichità, diciamo nel periodo della Serenissima, contava 250 mila abitanti la città, 250 mila veneziani. Ma per essere veneziano dovrebbe essere veneziano in pare di quinta o settima generazione, quindi c'erano 250 mila veneziani più tutti gli altri. Ma tutti gli altri arrivavano da tutto il mondo. Abbiamo avuto tantissima la influenza dei turchi, Constantinopoli, i mori, diciamo, abbiamo avuto i tedeschi, abbiamo avuto i francesi, abbiamo avuto veramente di tutto. E da essere anni, da che un po si mescolano. Quindi, è bellissimo a Venezia vedi persone alte, bionde, dalli occhi azzurri, con la pele bianca, e vedi i turchi, bassi, scuri, con abbigliamenti marcati, e magari siamo cigini. Capisce? È strano questa cosa. Siamo tanto strano.*

^{xix} Op cit.

^{xx} Op cit.

^{xxi} Op cit.